

**INSTITUTO FEDERAL DE EDUCAÇÃO, CIÊNCIA E TECNOLOGIA DE ALAGOAS
CAMPUS MACEIÓ
CURSO SUPERIOR DE LICENCIATURA EM LETRAS/PORTUGUÊS**

**JORGE JOSÉ MIGUEL
VALMIRAN PIRES DA SILVA**

**O USO DAS TECNOLOGIAS NO PROEJA: INCLUSÃO, EXCLUSÃO E SUAS
IMPLICAÇÕES NA APRENDIZAGEM EM TEMPOS DE PANDEMIA**

**Maceió
2023**

INSTITUTO FEDERAL DE EDUCAÇÃO, CIÊNCIA E TECNOLOGIA DE ALAGOAS
CAMPUS MACEIÓ
CURSO DE LICENCIATURA EM LETRAS/PORTUGUÊS

JORGE JOSÉ MIGUEL
VALMIRAN PIRES DA SILVA

O USO DAS TECNOLOGIAS NO PROEJA: INCLUSÃO, EXCLUSÃO E SUAS
IMPLICAÇÕES NA APRENDIZAGEM EM TEMPOS DE PANDEMIA

Trabalho de conclusão de curso apresentado no
Instituto Federal de Alagoas Maceió como requisito
parcial para obtenção do grau de Licenciado em
Letras/português.
Orientador(a): Profa. Dra. Rossana Viana Gaia

Maceió
2023



Dados Internacionais de Catalogação na Publicação
Instituto Federal de Alagoas
Campus Maceió
Biblioteca Benevides Monte

371.33

M636u Miguel, Jorge José.

O uso das tecnologias no PROEJA : inclusão, exclusão e suas implicações na aprendizagem em tempos de pandemia / Jorge José Miguel, Valmiran Pires da Silva. – Maceió, 2023.

45 f. : il., color.

Orientação: Profa. Dra. Rossana Viana Gaia.

Trabalho de Conclusão de Curso (Licenciatura em Letras/Português) – Instituto Federal de Alagoas, Campus Maceió. Maceió, 2023.

Arquivo no formato digital em PDF.

1. Letras. 2. PROEJA – Tecnologias Digitais de Informação e Comunicação (TDIC's).
3. Letras – Ensino-aprendizagem – Pandemia. I. Silva, Valmiran Pires da.
II. Título.

Franciane Monick Gomes de França
Bibliotecária – CRB 4/1831

JORGE JOSÉ MIGUEL
VALMIRAN PIRES DA SILVA

O USO DAS TECNOLOGIAS NO PROEJA: INCLUSÃO, EXCLUSÃO E SUAS IMPLICAÇÕES NA APRENDIZAGEM EM TEMPOS DE PANDEMIA

Trabalho de conclusão de curso (TCC) apresentado à Banca Examinadora para concessão do título de licenciado em Letras – Português no Instituto Federal de Alagoas Campus Maceió.

Maceió, 6 de novembro de 2023.

BANCA EXAMINADORA:



Documento assinado digitalmente

ROSSANA VIANA GAIA

Data: 12/02/2024 03:05:59-0300

Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

Profa. Dra. Rossana Viana Gaia (Orientadora/IFAL)

Documento assinado digitalmente



RICARDO JORGE DE SOUSA CAVALCANTI

Data: 15/02/2024 11:38:02-0300

Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

Prof. Dr. Ricardo Jorge de Sousa Cavalcanti (IFAL)

Documento assinado digitalmente



IOLITA MARQUES DE LIRA

Data: 19/02/2024 14:03:28-0300

Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

Profa. Ma. Iolita Marques de Lira (IFAL)

Dedicamos primeiramente a DEUS, aos nossos familiares e, em especial à nobilíssima Professora Dra. Rossana por sua paciência, sua disponibilidade ímpar e, o mais importante: vossa fé inabalável em nosso trabalho! A todos os nobres pares do curso, a todos os Professores marcantes, como também aos amigos.

AGRADECIMENTOS

Agradecemos aos nossos nobres e estimados Professores Dr. Ricardo Jorge Cavalcanti, como também a minha nobre orientadora Professora Rossana Viana Gaia por acreditar em nosso tema de TCC, sem contar sua paciência; dedicação em suas valorosas orientações. Somos gratos à Coordenação do Curso de Licenciatura Letras - Português. Somos agradecidos a todos/as os/as Professores/as do curso, aos colaboradores do Ifal, Campus Maceió, à Direção Geral e a todos/as responsáveis por garantir o funcionamento desta valorosa e histórica instituição formadora de pessoas reflexivas conectadas às mudanças do mundo do trabalho e às inovações do novo milênio.

LISTA DE FIGURAS E QUADROS

Quadro 1: Ensino remoto no Brasil (a organização das Secretarias Estaduais de Educação)	p. 24
Quadro 2: Fala dos colaboradores da pesquisa sobre a divulgação do artesanato nas redes sociais.....	p. 37
Figura 1:Publicidade do Mobral	19
Figura 2: TIC Educação 2021	p. 27
Figura 3: Panorama do uso da internet no país segundo o IBGE	p. 31
Figura 4: Página inicial do blog	p. 32
Figura 5: Participação dos/as estudantes em feira nacional	p. 33
Figura 6: Produção de sentidos no ensino	p. 35
Figura 7: Imagens dos produtos com detalhes sobre a produção	p. 36
Figura 8: Segunda turma completa a se formar no Proeja	p. 38

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

CEAA - Campanha da Educação de Adolescentes e Adultos

EJA-Educação de Jovens e Adultos

ERE-Ensino Remoto Emergencial

EPT-Educação Profissional Tecnológica

EaD-Educação a Distância

IFAL-Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Alagoas

IBGE-Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística

MOBRAL-Movimento Brasileiro de Alfabetização

TIC-Tecnologias da Informação e da Comunicação

TDIC's-Tecnologias Digitais da Informação e Comunicação

PROEJA- Programa Nacional de Integração da Educação Profissional com a Educação Básica na Modalidade de Educação de Jovens e Adultos

SEA-Serviço de Educação de Adultos

RESUMO

O presente trabalho é uma pesquisa do tipo bibliográfica e analisa o processo de ensino-aprendizagem com uso das Tecnologias Digitais de Informação e Comunicação (TDIC's) na modalidade de ensino técnico integrado para jovens e adultos (Proeja), em período pandêmico. O objetivo principal foi identificar estudos que verificam os impactos do ensino remoto neste público específico durante a pandemia da corona vírus (SARS-COVID 2). A pesquisa constatou dificuldades de acesso à internet de alta velocidade, o uso restrito de tablets, notebooks, celulares, como também questões relacionadas à disponibilidade de tempo para realizar tarefas nos momentos assíncronos e comparecimento às aulas síncronas. A metodologia da pesquisa incluiu levantamento dos dados em repositórios institucionais disponíveis nas plataformas Scielo e Google Acadêmico produzidos de 2020 a 2023 sobre o ensino para Jovens e Adultos, com ênfase no Proeja, modalidade que integra o ensino técnico ao médio nos Institutos Federais de Educação, Ciência e Tecnologia. Os principais buscadores utilizados foram EJA, Proeja, Ensino Remoto, COVID19 + ERE, TDIC's + Proeja. O estudo observou dados relativos ao processo de ensino-aprendizagem e que se relacionam com inclusão ou exclusão, bem como sugestões apresentadas pelos pesquisadores da área. Assim, foram identificadas melhorias na aplicação das TDIC's na educação de jovens e adultos em cenário de descontinuidades governamentais e restrições de recursos públicos para uso das TDIC's nas escolas públicas. A investigação constatou aspectos do ensino, mediados pelas TDIC's, em diferentes contextos de dificuldades vivenciadas pelos/as discentes e a precarização do ensino. Conclui-se que há possibilidades de melhorias a partir da integração entre tecnologias e uma educação acolhedora e participante das decisões do cotidiano.

Palavras-chave: Tecnologias Digitais de Informação e Comunicação (TDIC's). Processos de ensino-aprendizagem mediados pelas TDIC's; Proeja; aprendizagem em tempos de pandemia

ABSTRACT

This paper is a bibliographical study that analyses the teaching-learning process using Digital Information and Communication Technologies (DICT) in integrated technical education for young people and adults (Proeja) during the pandemic. The main objective was to identify studies that verify the impact of remote teaching on this specific audience during the corona virus pandemic (SARS-COVID 2). The research found difficulties in accessing high-speed internet, the restricted use of tablets, notebooks, and mobile phones, as well as issues related to the availability of time to carry out tasks in asynchronous moments and attend synchronous classes. The research methodology included a survey of data in institutional repositories available on the Scielo and Google Scholar platforms produced between 2020 and 2023 on education for young people and adults, with an emphasis on PROEJA, a modality that integrates technical and secondary education in the Federal Institutes of Education, Science and Technology. The main search engines used were EJA, PROEJA, Ensino Remoto, COVID19 + ERE, TDIC's + Proeja. The study analyzed data relating to the teaching-learning process and inclusion or exclusion, as well as suggestions made by researchers in the field. Thus, improvements were identified in the application of DICTs in youth and adult education in a scenario of government discontinuity and restrictions on public resources for the use of DICTs in public schools. The research found aspects of teaching, mediated by DICTs, in different contexts of difficulties experienced by students and the precariousness of teaching. It concludes that there are possibilities for improvement based on the integration of technologies and an education that is welcoming and participative in everyday decisions.

Keywords: Digital Information and Communication Technologies (DICTs). Teaching-learning processes mediated by DICTs; Proeja; learning in times of pandemic.

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO	11
1.1	RELATO MEMORIAL DE JORGE JOSÉ MIGUEL.....	12
1.2	RELATO MEMORIAL DE VALMIRAN PIRES DA SILVA.....	15
2	DA ORIGEM DA MODALIDADE DE ENSINO PROEJA AO CIBERESPAÇO	18
2.1.	Aspectos da inclusão e da exclusão de estudantes no ensino remoto	21
2.1.1	Exclusão: as principais dificuldades apresentadas pelos/as estudantes 22	
3	FORMA POSSÍVEL DE INCLUSÃO NO ENSINO REMOTO: TDIC's NO PROEJA	29
3.1	A PROPOSTA DE CRIAÇÃO DE PARA ENSINO NO CURSO TÉCNICO DE ARTESANATO DO PROEJA/IFAL.....	32
3.1.1	Perfil dos/as estudantes quanto ao uso das TDIC's	33
3.1.2	Análises das socializações de conteúdos on-line em sala de aula	38
4	CONCLUSÕES	40
	REFERÊNCIAS	42

1. INTRODUÇÃO

Os desafios educacionais trazidos em tempos pandêmicos, mediante o ensino remoto emergencial, originaram a principal meta deste trabalho que foi observar a discussão promovida pelos estudiosos da área de ensino sobre exclusão e/ou inclusão digital dos alunos na modalidade Programa Nacional de Integração da Educação Profissional com a Educação Básica na Modalidade de Educação de Jovens e Adultos (Proeja), bem como suas implicações no processo de ensino aprendizagem. Criado em 2005, o Programa foi formalizado como política pública no ano seguinte, a partir do Decreto nº 5.840, de 13 de Julho de 2006 (Brasil, 2006).

A pesquisa identificou, nos estudos avaliados, distintas dificuldades enfrentadas por estudantes da modalidade no que se refere à internet de qualidade, como também acesso aos equipamentos necessários para interagir nas aulas remotas e aplicar tarefas com intuito de minimizar o déficit de aprendizagem verificado a partir do necessário distanciamento social físico.

Por ser um trabalho acerca do ensino na modalidade Ensino de Jovens e Adultos (EJA), foi investigado o processo de ensino formal no contexto brasileiro voltado aos povos originários. O início incluiu ações de religiosos Franciscanos e Jesuítas, mas verificaram-se conflitos entre as noções de público e privado, já que a Coroa Portuguesa, conforme indica Paiva (2015) pagava parte das despesas e tentava definir o público de alfabetizados.

O presente trabalho é dividido em quatro seções, nas quais serão discutidos os seguintes conteúdos: na primeira seção, introdutória, é apresentada a proposta do projeto de estudo, cuja ênfase se concentra na modalidade proeja, proposta que inclui a integração entre a Educação para Jovens e Adultos e o ensino técnico, no âmbito dos Institutos Federais, de forma integrada.

Na seção 2, intitulada **DA ORIGEM DA MODALIDADE DE ENSINO PROEJA AO CIBERESPAÇO**, foi identificada a origem do Proeja e suas distintas características em relação ao formato anterior da EJA. Nesta seção são abordados aspectos de inclusão e exclusão dos estudos, conforme indicam estudos realizados na fase do distanciamento social, com observação sobre dificuldades vivenciadas pelos/as estudantes.

Na terceira seção, intitulada o estudo identifica aspectos de inclusão e exclusão dos alunos no Ensino Remoto Emergencial (ERE); na terceira seção intitulada

FORMA POSSÍVEL DE INCLUSÃO NO ENSINO REMOTO: TDIC's NO PROEJA, descreve-se estudo que propõe a criação de um blog sobre o Proeja no Curso Técnico de Artesanato no Campus IFAL/Maceió, com potencial que articula aspectos do trabalho e vendas com a memória dos trabalhos e das aprendizagens. Foram observados também apresentações e análises dos dados contidos em Melo (2022) acerca do uso das TDIC's no curso técnico em artesanato, na etapa de distanciamento social.

Vale destacar que taxa de analfabetismo no Brasil, conforme os dados do IBGE, são preocupantes desde que existem os dados sistematizados. Em 1960 os dados equivaliam a 39,7 %, o que representa 15, 9 milhões da população. Em 1970 a taxa recua para 32,7% o que totalizava 18, 1 milhões de pessoas. Em 1990 verifica-se nova redução para 25%. Em 2022, ainda que o índice tenha reduzido expressivamente para 5,6% o que se equipara a 9,6 milhões de pessoas,

Para justificar nossos motivos para escolha da temática, faremos um breve relato memorial, conforme recomendação da banca avaliadora:

1.1 RELATO MEMORIAL DE JORGE JOSÉ MIGUEL

Meu pai Dibe e minha mãe Maria se conheceram numa indústria de envelopes de papel e foram morar no Morro Complexo de São Carlos, situado no Estácio e no Catumbi. Eu descia por qualquer um dos lados, de acordo com o bonde ou ônibus que desejava pegar.

Após os sete anos jogava futebol, ia à praia do Calabouço próximo ao bairro da Lapa e do Museu de Arte Moderna, onde havia clubes de remo como o Vasco da Gama e o Flamengo. A praia era pequena e frequentada, mas pelo pessoal de baixa renda, mas o cantor e compositor Oswaldo Nunes também gostava de frequentar e ele jogava bola com a gente na areia.

Frequentei a Escola Municipal Canadá no Estácio, onde concluí a 5ª série, em 1960, aos 12 anos de idade. Comecei a trabalhar imediatamente, dois dias depois, numa loja de brinquedos, na Rua da Alfândega, perto da Praça da República, próximo do comércio Saara. Alguns meses depois, saí para trabalhar em pequena indústria de ourives. Logo depois fui trabalhar numa gráfica, na rua Frei Caneca, onde fiquei durante um ano.

A primeira vez que fui ao Maracanã foi em 1960 com meu pai para assistir a final do campeonato carioca e daí o América venceu o Fluminense por 2 X1. A partir daí, como comecei a trabalhar e a entrada de geral era barata, passei a ir ao Maracanã constantemente. Minha vida era ver o futebol de craques como Garrincha pelo Botafogo e Pelé pelo Santos, além de ir à praia do Flamengo, onde os jovens de maior poder aquisitivo se reuniam.

Em seguida, dos 13 aos 17 anos, fiquei trabalhando como office boy em escritórios da indústria da construção civil e em importadora de produtos químicos, até ingressar na Escola de Especialistas da Aeronáutica, aos 17 anos.

Na época, recebia a metade do salário-mínimo e por duas vezes consegui receber a diferença do salário na justiça.

A infância até os 13 anos foi difícil, pois carregava muita água para meus pais. Depois que comecei a trabalhar, ajudei meu pai a fazer melhorias na casa, o que facilitou a vida familiar. Também ia à Quinta da Boa Vista onde tinha parques de brinquedos bem frequentados à noite e nos finais de semana.

Eu era amigo de um português, o Aníbal, lá do morro, éramos da mesma idade e eu ajudava a entregar a roupa que a mãe dele lavava e com isso ela nos remunerava, o que nos permitia comprar lanches. Também frequentava a casa dos meus primos, onde tinha um pé de jamelão, aqui chamado de azeitona. Na casa deles tinha um espaço onde jogávamos futebol e era divertido.

Anos depois, em 1992, consegui me formar em Direito. Me matriculei no Ifal em 2016, em Matemática, porque sempre fui bom aluno na disciplina. Havia muitas exigências na disciplina Cálculo II, o que me desmotivou. Eu observei que uma colega, Ana Paula, migrou para Letras, então resolvi fazer o mesmo, já que eu gostava das aulas de Literatura.

Havia também o campo do Canadá no Estácio, onde os adultos jogavam e a gente ia assistir, por trás do Hospital da Polícia. Era um pequeno estádio e os clubes que tinham jogadores, como São Cristóvão, também frequentavam o local. Uma coisa muito importante que havia no morro era a Fundação Leão XIII onde jogávamos tênis de mesa. Até hoje eu gosto de jogar e as pessoas se admiram com a técnica que nunca esqueci. É um esporte que hoje está nas Olimpíadas.

Na minha casa, quando eu estava no primário, o fogão era movido a querosene, o ferro de passar roupas era a carvão. Na minha casa atual tem um lampião de querosene e é igual ao que tinha na minha casa e que servia para estudar e fazer as

demais atividades da casa, no período noturno. Essas dificuldades foram superadas quando comecei a trabalhar, pois pudemos instalar energia elétrica e água. Quando entrei com requerimento para instalar a água a companhia pediu para apresentar uma planta da casa e fazer uma cisterna. Havia um desenhista e um arquiteto na construtora e eles fizeram os croquis. Acompanhei o processo por 1 ano, até ser liberado. Depois meu pai comprou uma geladeira e um fogão, o que foi considerado um grande avanço em nossas vidas.

Quando concluí a 5ª série precisei fazer o concurso para ingressar no ginásio e passei sem dificuldades. Nesse emprego de office boy tinha direito a almoçar com os demais funcionários em restaurante no centro do Rio, na rua do Rosário. Eu trabalhava na Rua Gonçalves Dias, onde funciona até hoje existe a Confeitaria Colombo. Lá também tinha tratamento dentário. O dono da empresa tinha pretensões políticas e na época ele divulgou esse mérito. Ele se aliou politicamente ao deputado Aarão Steinbruch (PTB-RJ) responsável pela lei do 13º salário e eu entreguei santinhos para os dois pelo antigo estado do Rio.

Depois, o contador indicou que fosse trabalhar como arquivista e passei a atuar na contabilidade, onde as pessoas tinham uma média de 30 anos e eu tinha 13 anos. Eles me chamavam de Jorginho. Me lembro que um dos contadores me ensinou a extrair raiz quadrada. Outra memória que tenho dessa época é que a Escola de Samba Unidos de São Carlos foi muito importante para meu entretenimento, pois os compositores mostravam suas composições nos bares e esquinas.

Esses profissionais do morro levavam as letras e cantavam pra gente, pois quando estavam nas quadras da Escola, para disputa, quanto mais pessoas conhecessem as letras, mais importância mostrava. Cheguei a conhecer Luiz Melodia que era lá de onde morava. Gonzaguinha também foi criado no morro, mas ele estudou na UERJ e era politicamente engajado, teve uma trajetória diferenciada.

Meu pai me impedia de frequentar os ensaios da Escola de Samba no Morro, antes de trabalhar, pois era muito criança. Eu costumava ir em várias escolas, depois que trabalhava. Ia na Mangueira, onde Jair Rodrigues cantava, na Portela tinha apresentação de Elza Soares. Eu cheguei a ser sócio para não ficar pagando entrada. Depois que entrei para a Aeronáutica tinha o Clube da Cascadura e era mais uma opção de lazer: praia, futebol, escola de samba, clube.

O campo de Santana, cujo nome oficial é Praça da República, aglomera edifícios, igreja e outros espaços de grande convívio. Lá tinha um lago com uma ilha

que tinha pé de goiaba. A gente gostava de nadar e certa vez vieram uns garotos fazer o mesmo. A gente colocava a roupa em cima da árvore e um deles teve a roupa levada pelo guarda. A gente também ia num sítio onde tinha jaca, na subida que saía no Morro de Santa Tereza, um local que tinha um hospital com doentes psiquiátricos.

Toda essa história foi importante porque o dono do time de futebol onde atuei comprava as camisetas, nos levava aos bairros e estimulava a praticar esporte. Parece algo simples, mas essas ações permitem que a gente amplie as formas de entender o mundo, algo que penso quando observo processos de ensino-aprendizagem para trabalhadores.

Concluída a pesquisa do TCC, entendo a importância da minha vida para definir o objeto de pesquisa. O curso e o TCC servem de base para que eu possa trabalhar na escrita de poemas. Agora estou fazendo a matéria de Criação Literária para auxiliar na escrita. Meu objetivo com o curso de letras é escrever. O importante, na vida, é entender o valor de estudar.

1.2 RELATO MEMORIAL DE VALMIRAN PIRES DA SILVA

Sou Valmiran Pires da Silva, natural de Maceió/AL, nasci no dia 30/10/1977 na extinta Casa de Saúde e Maternidade Santa Lúcia, situava-se no bairro do Poço. Iniciei minha vida de estudante no já extinto Educandário Senhor do Bonfim, situado na Av. Comendador Calaça, no mesmo bairro. Em 1985, fui matriculado por minha saudosa mãe no Colégio Cenecista Professor Crispiniano Portal, no qual estudei de 1985 a 1994.

Em 1995, iniciei o curso Técnico de Mecânica na saudosa Escola Técnica Federal de Alagoas (ETFAL), concluindo o curso em 1999. O meu primeiro emprego foi exercendo à Profissão de Técnico em Mecânica na Usina Coruripe Açúcar e Álcool S/A. Entre estágio e carteira assinada foram um ano e meio. Não me adaptei ao sistema de serviço, pois o setor de manutenção era muito estressante. Saí de lá em 2000, em busca de novos horizontes. Neste mesmo ano recebi o convite de minha tia Graça (jaz na eternidade) para morar em Aracaju/SE.

Nunca escolhi o melhor emprego para ganhar meu dinheiro, por isso fiz o teste na rede GBarbosa, no qual exerci às funções de embalador, depois repositor de mercadorias em diferentes seções. Após o falecimento de minha mãe, a primeira

Professora que tive, Glória Maria Pires da Silva (Formada no pedagógico pelo Instituto de Educação José Correia da Silva Titara) e de minha segunda mãe, a Tia Graça.

Por causa de problemas familiares, entre 2000 e 2002, fui morar sozinho numa casa muito engraçada, tinha telhado, mas quando chovia pingava. Dormi numa cama improvisada de pedaços de madeiras até adquirir uma boa cama, um fogão e minha geladeira cônsul de segunda mão. A simplicidade naquele momento implicava liberdade, estava criando asas. Começava a gerir minha vida sem conceitos destrutivos e retrógrados.

Em 2005, saí do GBarbosa, permaneci morando em Nossa Senhora do Socorro/SE, no Conjunto Habitacional Marcos Freire III, neste ano. Desejava voltar à área de mecânica, por isso comecei um curso temporário de Mecânica Básica Industrial no SENAI de Aracaju/SE. Terminando o curso, já requalificado consegui uma entrevista numa empresa de manutenção terceirizada da Companhia Vale do Rio Doce, mas não consegui êxito. Pediram para esperar e até hoje nunca tive resposta, ou seja, a velha falta de respeito com quem se qualifica e busca um lugar ao sol. Já sem dinheiro e sem emprego fixo, trabalhei na oficina mecânica do Sr. Solon durante todo mês de novembro de 2005.

Depois de muitos currículos distribuídos, como estava sem perspectivas de empregabilidade, atendi o pedido de meu pai e retornei à Maceió. Eu queria vencer em Aracaju, entretanto a razão superou à emoção. Na capital alagoana, em 2006 exerci a função de Auxiliar de Controle Externo (ACO) pela Associação de Transportes de Passageiros do Estado de Alagoas (Transpal).

Outra atuação que tive foi na função de auxiliar de loja, nas Lojas Riachuelo, no centro de Maceió. Depois concluí outro curso profissionalizante no SENAI/AL, mecânico de motores diesel, pois desejava ganhar experiência e comprar um caminhão para ganhar a vida sem depender de carteira assinada. No entanto, mais uma vez não logrei êxito, já que as empresas queriam pessoas experientes, ou seja, a hipocrisia do mercado de trabalho brasileiro: jovem qualificado, sem experiência não serve e trabalhador maduro com experiência, nem pensar!

Em 2007 comecei exercendo a função de porteiro patrimonial numa empresa terceirizada da Telefonia Oi. No período de dezembro de 2008 a dezembro de 2011 trabalhei na função de repositor de mercadorias em um sacolão de frutas e verduras, situado onde hoje é uma Drogasil, ao lado do atual Palato Farol, neste mesmo bairro.

Foram nove anos sem estudar, no período de 2000 a 2010, quando passei no vestibular de Licenciatura em História da Universidade Federal de Alagoas (UFAL). Devido a um processo de estafa mental e física, problemas ocasionados por causa de sobrecarga de trabalho, acrescentando-se a isso assuntos pessoais contribuíram para não concluir o curso.

Em 2017, optei pelo curso de letras, pois sempre tive uma queda por leituras e escrevo minhas poesias. Naquele ano decidi prestar o Exame Nacional do Ensino Médio (ENEM) e na inscrição escolhi como primeira opção o curso de Licenciatura Letras/Português. Não me arrependo em nenhum minuto por ter feito esta escolha, pois no período de estudos, os professores me permitiram refletir sobre o mundo. Fiz este curso na esperança de contribuir na formação de seres humanos capazes de interagir em seu cotidiano. Fazer brotar flores no deserto da ignorância!

Após esta pesquisa, assimilei ser necessário a ampliação do uso das TDIC's em todas às modalidades de ensino, não como um fim, mais como uma possibilidade na ampliação do ensino aprendizagem sob mediação dos Professores. A fonte de inspiração ocorreu no Estágio Curricular Obrigatório 4, no segundo semestre de 2022, na Escola Municipal Professora Eulina Ribeiro Alencar, situada no bairro Jacintinho.

Ao atuar na modalidade EJAII (Educação de Jovens, Adultos e Idosos), constatei que os alunos/as vinham cansados de um longo dia de trabalho, mas ainda assim, mantinham interesse na aquisição de conhecimento. Trabalhar na educação destes alunos exige não apenas utilizar às TDIC's, deve-se também, socializar textos diversos ligados ao seu cotidiano, através dos seus saberes de vida, estimular o ato de escrever. Outra questão é adequar o ensino às realidades diversas e plurais, pois cada aluno/a é um mundo, uma vivência particular rica em saberes.

O importante é construir significados a partir de suas vidas. Não é necessário "reinventar à roda", basta buscar novas possibilidades de ministrar às aulas, tornar o aprendizado dinâmico e interativo. De que maneira a leitura será estimulada se a biblioteca da escola está sempre fechada? Qual aluno/a despertará o gosto pela leitura sem acesso aos livros? Necessita-se fazer mais para atingir os aprendizes educacionais envolvidos, com atenção à qualidade na aprendizagem.

2. DA ORIGEM DA MODALIDADE DE ENSINO PROEJA AO CIBERESPAÇO

Os processos de alfabetização, na fase inicial do processo civilizatório brasileiro, incluíam a catequese cuja marca de autoridade às nações indígenas foi definida a partir da religião colonial. As bases da Educação de Jovens e Adultos, portanto, remontam aos anos do Brasil Colonial e implica pensar sobre a catequização dos jesuítas com adultos indígenas e colonizadores, mas com ações educacionais que se vinculavam à fé católica (Melo, Silva e Gaia, 2022).

A expulsão dos Padres Jesuítas no século XVIII definiu a formalidade do processo de Educação de Jovens e Adultos (EJA) sob tutela do Estado brasileiro e que se desenvolveu de forma lenta, em processos que incluíram, tardiamente, o ensino noturno. Ainda que a Constituição de 1891 definisse a instrução primária gratuita com acesso a todos, havia restrição, pois ainda que os textos oficiais indicassem relevância para esse grupo, a literatura especializada apresenta avanços somente a partir dos Anos 1990 (Nascimento, 2020).

Conforme Xavier (2019) é possível definir 1940 como relevante marco temporal na história da EJA, pois verifica-se atendimento, no ensino supletivo, a partir da criação da lei nº 5.697/71, para um público majoritário na faixa etária dos 14 aos 21 anos (Brasil, 1971). Esse fortalecimento é constatado a partir dos movimentos sociais que possibilitam a criação da Campanha da Educação de Adolescentes e Adultos (CEAA), do Fundo Nacional do Ensino Primário e do Serviço de Educação de Adultos (SEA), sendo este último considerado um diferencial nas políticas públicas de EJA (Xavier, 2019).

Nesse processo, o Movimento Brasileiro de Alfabetização (MOBRAL), conforme pesquisou Xavier (2019), se contrapõe às propostas anteriores dos movimentos populares, pois verifica-se um ensino formal alienado dos processos de formação humanista que refletisse sobre a sociedade.

Nessa perspectiva, Silva e Freitas (2017) apresentam o comprometimento da EJA entre as décadas 1970 e 1980, quando a meta da modalidade passou a ser espaço de reprodução do pensamento governamental acerca da formação de um tipo específico de trabalhador que não questionasse o projeto de desenvolvimento para o país e cuja compreensão da linguagem se restringia a um formato funcional e acelerado.

Portanto, entende-se, com base nas leituras, que numa análise objetiva o MOBREAL formou indivíduos repetidores de conceitos preestabelecidos ou analfabetos funcionais, incapazes de interpretar e interagir em seus cotidianos. Na concepção de Paiva (2009) o Mobral foi extinto por conta do seu fracasso, após a Constituição de 1988, já que não atingiu os objetivos. A ideia do término do uso do dedo polegar como assinatura tinha potencial de marketing, mas não se estruturou na perspectiva pedagógica (Figura 1). Desse modo, em 1988 ocorre o término da noção de ensino supletivo e da EJA como modalidade de ensino da educação básica.

Figura 1: Publicidade do Mobral



Fonte: Fotos de Fatos, online.

Somente no século XXI, o Decreto nº 5.478/2005 (Brasil, 2005) indica uma nova política educacional para a EJA, pois passa a incluir o Proeja (Programa de Integração da Educação Profissional ao Ensino Médio na Modalidade de Educação de Jovens e Adultos), restrita à Educação Profissional e Tecnológica (EPT), sendo assim ofertada na Rede Federal da Educação Profissional, Científica e Tecnológica (Sena, 2017; Brasil, 2005; Pereira e Barbosa, 2020).

Segundo, Alvarenga et.al. (2016) a EJA, como qualquer outra modalidade de ensino em nossa época, demanda dos governos o alinhamento com inovações tecnológicas, de modo que a comunidade escolar possa articular os saberes próprios de cada grupo com os conhecimentos disponíveis em plataformas diversas que geram conhecimento novo. Tal realidade não se difere do Proeja, mas requer atenção no

processo de formação crítica e das conexões entre trabalho e ensino a partir do ensino integrado.

Conforme essa perspectiva, a EJA mesmo na fase anterior à pandemia de Covid-19, já se deparava com fragmentação de ensino, descontinuidades e índice reduzido de acesso à tecnologia (Alvarenga et al, 2016;). No processo de isolamento social da pandemia, o agravamento foi verificado por diversos pesquisadores (Florêncio e Almeida, 2021; Monteiro e Mascia,2021; Melo, 2022; Almeida; Souza, 2022).

Neste sentido, Almeida e Souza (2022) destacam que a situação formal de acesso às TDIC's nas classes de EJA, já era algo recorrente, o que se agravou no processo de isolamento. Essa realidade é ratificada por Melo (2022) ao analisar um curso do Proeja. Foram essas questões propostas pelos estudiosos que nos possibilitaram refletir sobre os impactos do ensino-aprendizagem durante a pandemia, para entender como é possível vislumbrar formas de acesso às tecnologias digitais.

Verifica-se que o mesmo público já acessa várias formas de uso de tecnologias não digitais e digitais, plugadas ou desplugadas, no trabalho e na vida pessoal, com ou sem apoio de colegas e de familiares. No entanto, entendemos, a partir das leituras, que existe a necessidade de políticas públicas que efetivamente considerem a complexidade do ensino técnico para jovens e adultos integrado ao ensino médio.

Essa é uma temática que exige refletir também sobre os processos de exclusão digital, já que a cibercultura, conforme definiu anteriormente Pierre Lévy (Baldissera, 2021), inclui conjunto de técnicas materiais e práticas intelectuais que a partir de uma lógica específica desenvolveu o ciberespaço, o que não exclui o mundo físico e nem as práticas culturais, pois só faz sentido a partir das relações entre as pessoas

Desde as práticas de TDIC's, cuja complexidade se amplia a partir de aplicativos, softwares e outros formatos de comunicação em rede, em tempo síncrono ou assíncrono, a educação em todos os níveis passa por maior grau de complexidade. O conceito de ciberespaço foi inventado em 1984 por William Gibson na ficção científica *Neuromancer*, conforme indica Lévy (2018). O romance abordava uma realidade ficcional com alteração da realidade geográfica a partir de heróis que entravam em espaços de dados para vivenciar aventuras. A apropriação do termo ocorreu de forma rápida pelos usuários e criadores de espaços na rede mundial de computadores.

Desse modo, tornou-se consensual entender ciberespaço como interconexão humana mediada por computadores e que inclui busca em memórias virtuais. Ser professor/a de língua portuguesa, portanto, inclui considerar que o texto e o hipertexto transitam em lógicas que, muitas vezes, requer novos letramentos sociais. Chartier (2009) indicou, há décadas, que a leitura se vincula ao sentido que o leitor constrói, o que implica entender em qual projeto intelectual e editorial um determinado texto ou hipertexto se insere, prática distanciada da fragmentação verificada no ciberespaço contemporâneo.

Estudos mais distantes, como os de Moran (2000), já problematizam os processos de comunicação em sala de aula com inserção de interações virtuais e indicavam limites e possibilidades sobre práticas de ensino mediadas por computador. Após décadas de estudos, entende-se que a cibercultura passou a integrar de forma consistente as formas de relacionamento, incluindo os processos de ensino-aprendizagem, daí a relevância de reflexão contínua sobre o assunto, principalmente quando se aborda o ensino para pessoas jovens e adultas.

2.1 ASPECTOS DA INCLUSÃO E EXCLUSÃO DE ESTUDANTES NO ENSINO REMOTO

O presente trabalho identifica que em contextos diversos, incluindo o pandêmico, constata-se aspectos de exclusão vivenciados por discentes jovens e adultos. Os motivos são diversos e incluem descontinuidades de projetos governamentais, ausência de políticas públicas e prioridades dos governantes para aspectos mercadológicos do ensino que desconsideram as realidades dos/as educandos/as e dos próprios ambientes de ensino.

A formação crítica e emancipadora, que se impõe como necessária para as complexidades futuras, requer investimentos contínuos de aprendizagem permanente, bem como ações práticas no cotidiano escolar. Contudo, o cotidiano dos ambientes de ensino apresenta ações, desde os seus primórdios, conforme registram Tardif e Lessard (2017), com sistemática burocratização, controle e disciplina, o que persiste até os tempos atuais. Com o desenvolvimento das tecnologias, ocorre, conforme indicam os autores, maior escassez de mão-de-obra, com sobrecarga de atividades aos trabalhadores e precarização do trabalho na área de ensino.

Segundo Monteiro e Mascia (2021), o elevado índice de estudantes das escolas públicas identificados com baixa conectividade, em 2018, pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), confirmaram que de um total de 5,8 milhões de pessoas, nesse perfil, somente 2,6 milhões contavam com sinal de internet móvel celular. Por isso, os autores concluem que o acesso às TICS e às TIDC's, como a internet, apresenta graves distorções, pois confirmou desigualdade na oferta da internet às camadas economicamente desfavorecidas da população, opinião compartilhada por Florêncio e Almeida (2021).

2.1.1 Exclusão: as principais dificuldades apresentadas pelos/as estudantes

O advento da Pandemia do Covid 19 apresentou uma nova realidade em todas as instituições e redes de ensino, incluindo universidades e institutos federais, decorrente do necessário isolamento social, devido à rápida disseminação do vírus. Iniciou-se o ensino remoto ao ser publicada a Portaria nº343, de 17 de março de 2020 (Brasil, 2020), cujo artigo primeiro autoriza, “em caráter excepcional, a substituição das disciplinas presenciais, em andamento, por aulas que utilizem meios e tecnologias de informação e comunicação, nos limites estabelecidos pela legislação em vigor”, mas cujos limites indicavam apenas a educação superior na Rede Federal.

O processo de ajustes para aulas nas modalidades de ensino técnico integrado ao médio, bem como na educação profissional superior, nas quais aulas de laboratórios ou práticas são fundamentais, exigiu novos estudos e documentos. Desse modo, no âmbito da Rede Federal Técnica e Tecnológica, houve preocupação quanto à elaboração dos calendários, formatos das aulas com momentos síncronos e assíncronos, além de ajustes das férias dos/as docentes.

A excepcionalidade do momento causou o impacto de uma nova realidade educacional e gerou surpresa para discentes e docentes, além de causar medo em toda a humanidade, diante das incertezas quanto à própria vida. Entretanto, o trabalho de educar exigiu uma série de estudos para transpor a barreira sanitária inédita em tempos de tecnologias diversas. As dificuldades por parte de discentes e docentes ficaram evidentes quando foram organizadas as aulas remotas em ambientes virtuais, experiência vivenciada tanto pelos autores deste trabalho, quanto pela orientadora.

Verificou-se que, mesmo após processos formativos acelerados, alguns professores/as entendiam o ato de ensinar de maneira ortodoxa e com limites acerca

do uso das TIDC's. Por outro lado, discentes que estavam digitalmente excluídos sem acesso à internet de qualidade apresentavam dúvidas que nem sempre eram possíveis de compartilhamento. Além disso, famílias cujos/as discentes dispunham apenas de um celular em casa indicaram dificuldades diversas para "frequência" às aulas.

O principal questionamento sobre a qualidade desta educação oferecida em tempos pandêmicos conforme Cunha, Silva e Silva (2020) implicavam entender se o projeto implementado pelo Estado brasileiro na pandemia, em razão da Covid-19 no Brasil, seria capaz de garantir a qualidade e o direito e/ou a igualdade de acesso à educação para todos/as os/as estudantes.

As diversas pesquisas sobre a questão da exclusão digital revelam uma realidade evidente em nosso país: a evasão escolar por não dispor de condições mínimas de internet; a evasão por motivos de subsistência ou opções de buscar alimentos, através de doações etc. Outras situações referem-se aos pais que não tinham conhecimento tecnológico para ajudar seus filhos ou cujas famílias tinham apenas um celular, quase sempre do pai ou da mãe. A distância da cibercultura para expressivo número de pessoas já era indicado em estudos como os realizados por Cunha *et. al.* (2020).

O Ensino Remoto Emergencial (ERE) foi uma necessidade diante do necessário isolamento social gerado pelo processo pandêmico e incluiu pensar uma nova forma de ensino para manter a qualidade da aprendizagem. Porém, as desigualdades socioeconômicas evidenciaram a "exclusão digital" nas localidades afastadas dos bairros nobres das grandes cidades, regiões periféricas e comunidades rurais. Por isso, Cunha *et. al.* (2020.p.34) afirmam que o ensino remoto na pandemia se tratou de "um arranjo circunstancial de emergência, longe de atender as demandas de uma proposta educacional que garanta o acesso, permanência e possibilidades satisfatórias de aprendizagem."

A oferta na preparação de materiais escritos, PDFs, uso de plataformas e outras estratégias exigiram empenho dos professores, em todas as redes de ensino. Em alguns casos, os sindicatos de professores foram obrigados a questionar as Horas-aulas, pois os/as docentes estavam sobrecarregados, às vezes pelo espaço curto de tempo e, simultaneamente, com a pressão psicológica para apresentar conteúdos de qualidade aos/às estudantes e garantir atenção às aulas. Contudo, por ser uma

situação excepcional, os/as professores/as precisavam ainda executar trabalhos domésticos e/ou cuidados com familiares.

Na complementação deste debate Cunha *et. al.* (2020.p.34) destacaram que a lacuna presencial do/a docente e dos/as colegas pode ter afetado o rendimento, um aspecto que merece novos estudos futuros. Do mesmo modo, conforme esse debate, os/as docentes precisaram entender novas linguagens, metodologias e relações. No Quadro 1, é possível identificar os diferentes panoramas ocasionados nos diferentes estados da federação, conforme registraram Cunha, Silva e Silva (2020):

Quadro 1: Ensino remoto no Brasil (a organização das secretarias estaduais de educação)

	Organização do trabalho escolar
Acre	A Secretaria lançou uma plataforma com conteúdo para os/as estudantes e contratou um canal aberto de TV para oferecer tele aulas.
Alagoas	A Secretaria estabeleceu o Regime Especial de Atividades Escolares Não Presenciais. As atividades pedagógicas foram realizadas com mediação tecnológica ou utilização de outros meios físicos (tais como orientações impressas com textos, estudo dirigido e avaliações enviadas aos alunos/ família).
Amapá	A secretaria disponibilizou plataformas para atividades não presenciais, como a Escola Digital Amapá, a Escolas Conectadas, o AVAMEC, além dos livros didáticos.
Amazonas	Houve transmissão de conteúdo escolar diário pela TV aberta por meio do programa “Aula em Casa”, e disponibilização de conteúdo pelas plataformas AVA, Saber+ e pelo aplicativo Mano. Também houve transmissão das aulas por lives no <i>Facebook</i> e no <i>Instagram</i> .
Bahia	A Secretaria disponibilizou roteiros de estudos, por área do conhecimento, no portal educacao.ba.gov.br. Também ampliou a Plataforma Anísio Teixeira com o Canal de conteúdos de 12 Instituições Públicas de Ensino Superior (IES). Além disso, transmitiu tele aulas por meio do programa “Estude em Casa”, da TV Educativa, e usou o projeto de salas de aula online “Classes Abertas”, com orientação para professores, da Fundação Roberto Marinho.
Ceará	As escolas foram orientadas a desenvolver um Plano de Atividades Domiciliares, utilizando o livro didático da rede como base. Para interagir com os/as estudantes, professores/as utilizaram as plataformas <i>Aluno On-line</i> , <i>Professor On-line</i> (desenvolvidas pela própria Secretaria) e <i>Google Classroom</i> .
Distrito Federal	A Secretaria disponibilizou tele aulas e vídeos educativos para todas as etapas e modalidades, além de conteúdo para a formação de professores, pelas TVs Justiça e Gênese. Todos os vídeos ficaram disponíveis no canal do <i>YouTube</i> da SEEDF. Estudantes do Ensino Médio têm conteúdo para todos os componentes curriculares por meio da plataforma <i>Google Sala de Aula</i> . Após o dia 29 de junho, o trabalho escolar ocorreu por aulas em plataforma e por televisão e material impresso aos estudantes sem acesso à internet. Aos estudantes de baixa renda, o Governo anunciou que forneceria internet gratuita para acesso à plataforma.
Espírito Santo	A Secretaria criou o Programa Escolar, cujo principal recurso utilizado consistiu na transmissão de videoaulas por meio de canais de televisão e/ou por meio de redes sociais como o <i>Facebook</i> , o <i>Youtube</i> , o <i>WhatsApp</i> , e outros, no formato ao vivo ou gravado.

Goiás	As aulas não presenciais iniciaram a partir do dia 23 de março. Os/as docentes e gestores escolares organizaram grupos nas redes sociais para que os/as estudantes conseguissem acesso aos materiais. Foi lançado o portal de conteúdo Net escola, com aulas e listas de atividades para todas as séries do Ensino Fundamental e Ensino Médio. Os/as docentes dos Centros de Educação em Período Integral elaboraram também um trabalho de tutoria para que os/as estudantes não tivessem dúvidas. Esse trabalho foi realizado pelas redes sociais, com aplicativos de reuniões e por ligações telefônicas. Além disso, foram elaborados e entregues blocos de atividades para os/as discentes. Os/as estudantes do Ensino Médio contaram com um novo cronograma do Goiás Bem do Enem: videoaulas, maratona de resolução de questões do Enem, lista de exercícios, vídeo dicas enviados para os/as estudantes toda semana. A Secretaria iniciou também a transmissão de aulas ao vivo tanto para o Ensino Médio, quanto para o Ensino Fundamental 1 e 2 na TV aberta e em Rádio AM e FM.
Maranhão	A Secretaria transmitiu aulas pela TV e pelo rádio, e orientou as escolas a criarem turmas virtuais no <i>Google Classroom</i> . Além disso, as escolas usaram outras ferramentas, como <i>WhatsApp</i> e <i>Hangouts</i> e distribuíram materiais didáticos para a realização das atividades não presenciais.
Mato Grosso	A Secretaria disponibilizou videoaulas e outros conteúdos para os/as estudantes por meio de sua plataforma na internet.
Mato Grosso do Sul	A Secretaria trabalhou com a plataforma Protagonismo Digital para execução das aulas. Estudantes sem acesso à internet receberam o material de estudos impresso em casa.
Minas Gerais	Os/as estudantes receberam atividades pedagógicas por meio do Regime de Estudo não Presencial. A principal ação foi o Plano de Estudo Tutorado (PET) com apostilas cujo conteúdo das disciplinas estava concentrado em volumes e por etapa de ensino. O material foi distribuído, prioritariamente, de forma <i>on-line</i> , mas houve impressão para estudantes sem acesso à internet. Outra ação foi a oferta do Programa Se Liga na Educação, tele aulas que abordavam conteúdos escolares. Esse programa é transmitido no canal aberto da Rede Minas presente em 186 municípios do Estado. As tele aulas ficaram disponíveis, também, no canal da Educação no <i>Youtube</i> e na página da Rede Minas. A Secretaria também lançou o aplicativo para celular Conexão Escola, de navegação gratuita, que também ofertou os conteúdos do Regime de Estudo não Presencial.
Pará	A Secretaria ofereceu videoaulas para alunos dos Anos Finais do Fundamental e do Ensino Médio, transmitidas pela TV Cultura, mas que também podiam ser acessadas pelo aplicativo e por redes sociais. No site da Secretaria, os/as estudantes podiam baixar os exercícios diariamente. A escolas que não puderem seguir o regime, deviam apresentar um plano de reposição de aulas ao Conselho Estadual de Educação.
Paraíba	A Secretaria lançou a plataforma Paraíba Educa e coordenou exibição de tele aulas pela TV Assembleia.
Paraná	A Secretaria implementou um pacote de ações para o EaD Aula Paraná baseado em três frentes de atuação: 1. Transmissão das aulas em multicanal TV aberta e Youtube; 2. Aplicativo Aula Paraná, disponível para celulares; 3. Aplicativo Google Classroom. O aplicativo não consumia dados 3G e 4G, pois a SEED providenciou pacotes de dados junto a todas as operadoras de telefonia. Estudantes sem acesso à TV e à internet retiram as atividades propostas quinzenalmente na escola.
Pernambuco	A Secretaria criou a plataforma Educa-PE para a transmissão ao vivo de aulas. O conteúdo foi transmitido pelo YouTube (Educa-PE) e nas emissoras TV Pernambuco, TV Universitária, TV Nova Nordeste e TV Alepe, para o Ensino Médio. Para os/as estudantes dos Anos Finais do Ensino Fundamental, as aulas ficaram disponíveis no serviço de streaming. Além disso, os gestores escolares distribuíram materiais didáticos aos discentes.
Piauí	A Secretaria transmitiu aulas para o Ensino Médio e a EJA por meio do Canal Educação e TV Antares, e do Youtube. Além disso, as escolas produziram material para os alunos sem acesso à internet.

Rio de Janeiro	A Secretaria de Educação promoveu aulas on-line por meio da plataforma Google Classroom, além de tele aulas por meio da TV Band, TV Alerj e canal Net. Para que todos tivessem acesso, a Seeduc distribuiu chips com dados de internet para os mais de 700 mil discentes da rede pública estadual. Professores/as e diretores/as que trabalham na plataforma também receberam chips. A Secretaria também distribuiu material impresso.
Rio Grande do Norte	Ficou disponível para toda a rede a Escola Digital, ambiente virtual de aprendizagem da Secretaria, no qual o/a professor/a podia postar conteúdo para os/as estudantes e realizar web conferências. A secretaria também contratou a <i>Google for Education</i> para acesso gratuito às plataformas e recursos da empresa.
Rio Grande do Sul	Os responsáveis por estudantes sem acesso à internet retiraram as aulas programadas nas escolas antes da suspensão das aulas. A implementação das aulas remotas na rede iniciou a partir do dia 1º de junho por meio da plataforma <i>Google Classroom</i> .
Rondônia	Foram ofertadas aulas remotas por meio da plataforma digital <i>Google Classroom</i> . Os/as docentes elaboram cronogramas contendo os temas das aulas e links de acesso, no qual o/a estudante era direcionado/a para assistir as videoaulas no canal da Mediação Tecnológica no <i>YouTube</i> . Os/as estudantes dos 3as séries do Ensino Médio também tiveram aulas do Revisa Enem.
Roraima	Para os/as estudantes com acesso à internet, os conteúdos foram repassados de forma <i>on-line</i> , por meio de redes sociais como <i>WhatsApp</i> , aplicativos como <i>Google Classroom</i> , <i>Google Sala de Aula</i> , <i>Google Meet</i> , <i>Youtube</i> , entre outras ferramentas digitais. Para os que não acessavam a internet, os conteúdos foram entregues em material impresso produzido pelos/as docentes e entregues aos pais nas escolas. No interior e nas comunidades indígenas, o material de estudo foi distribuído por transporte escolar. Ondas do Saber– Programa fruto da parceria entre a secretaria e a Rádio RR, no qual docentes de várias disciplinas fornecem dicas de estudo, conteúdos educacionais e repassam informações didáticas na programação da rádio. O projeto continua a aprendizagem escolar, leva conteúdo e informação às/aos estudantes da rede, especialmente os que residem no interior do estado e comunidades indígenas.
Santa Catarina	Para estudantes com acesso à internet foi implementada a plataforma <i>Google Sala de Aula</i> para o envio de atividades e interações entre a turma e o/a professor/a. Professores/as e alunos/as ainda tinham mais três ferramentas de apoio: o livro didático, a área de Recursos Digitais de Aprendizagem do site da SED e o SED Digital, um banco gratuito de cursos à distância, com conteúdo de acordo com a Base Nacional Comum Curricular (BNCC). Já para estudantes com acesso restrito ou sem acesso à internet, a Secretaria entregou materiais impressos nas escolas para os pais e/ou responsáveis.
São Paulo	A Secretaria lançou o Centro de Mídias da Educação de SP (CMSP). A plataforma permitiu que os estudantes da rede estadual acessassem aulas ao vivo, vídeo aulas e outros conteúdos pedagógicos. Após o dia 20 de abril, também ficou disponível um segundo aplicativo para download, o CMSP Educação Infantil e Anos Iniciais, com conteúdo exclusivo para essas etapas de ensino. Além disso, o Governo de São Paulo também fez acordo com a TV Cultura para transmitir as aulas em dois canais digitais. A Secretaria contratou internet para que estudantes e docentes da rede acessassem conteúdos em celular, sem custo.
Sergipe	O governo fez parceria com a Secretaria de Educação de Amazonas e disponibilizou videoaulas na TV Pública do Estado. Foi lançado o portal Estude em Casa, com conteúdo para estudantes e docentes. Para o Enem, os docentes fizeram lives diárias. Foi disponibilizado simulado <i>on-line</i> com questões comentadas e cadernos complementares.
Tocantins	A Rede Estadual suspendeu as aulas e manteve período de férias escolares.

Fonte: Cunha, Silva e Silva (2020, p.30-31).

Os pesquisadores Cunha, Silva e Silva (2020) indicam que a educação, quando mediada por aparatos tecnológicos digitais, garantem novas formas de compreensão que ultrapassam tarefas e conteúdo, pois possibilita interações coletivas e geração de novos sentidos, a partir da aprendizagem.

Os autores consideram que nem a modalidade de ensino EaD (Educação a Distância), tampouco o ensino remoto, necessário durante a pandemia, não englobam aprendizagem significativa. Nesta perspectiva, a organização do ensino brasileiro, historicamente, exclui pessoas e agrava a qualidade da educação, o que se confirmou no período pandêmico. Desse modo, a desigualdade educacional nem sempre garante acesso à educação para todos os estudantes (Cunha, Silva e Silva, 2020).

Ainda que as TDIC's na educação apresentem potencial no processo de ensino-aprendizagem, é necessário que o acesso seja garantido de forma plena em todas as redes e modalidades de ensino. Para que isso ocorra são necessários investimentos contínuos em processos, tecnologias e formação docente, o que não se verificou na etapa investigada, conforme se verifica no Quadro 1, com dados resultantes da FIOCRUZ (2022). Ainda que as instituições tenham elaborado e ofertado materiais para estudos, parte expressiva dos/as estudantes tinham apenas um celular em casa, cujas interfaces e/ou quantidades de dados disponíveis, nem sempre favorecem os estudos de forma consistente e qualitativa.

Figura 2: TDIC's Educação 2021¹



Fonte: FIOCRUZ, 2022.

¹ As TICs correspondem às tecnologias que mediam os processos informacionais e comunicativos das pessoas, por exemplo, o Jornal, Rádio ou TV. As TDIC's englobam equipamentos digitais como computadores, lousa digital, dentre outros. A Internet é uma das principais TDIC's e possui uma vasta amplitude de usos.

As informações do Quadro 1 reforçam o que foi identificado em estudos como o de Cunha e outros (2020). O Ensino Remoto Emergencial (ERE), na concepção de Cunha et.al (2020), ampliou as diferenças intelectuais entre os/as estudantes, já que foram verificadas distorções tanto na forma quanto no conteúdo dos ensinamentos, pois a pesquisa realizada pela FIOCRUZ (2022) se constatou número elevado de professores que diagnosticaram falta de acesso à internet nos domicílios como um dos graves impedimentos para o ensino, no período.

Nesse sentido, os dados destacaram as distorções existentes nas diferentes redes de ensino e as distintas formas de acesso a práticas pedagógicas com formas de aulas invertidas e com uso de tecnologia por parte dos docentes. Essas questões estão presentes no debate sobre educação no Brasil e merecem ainda maior atenção quando se referem às realidades dos/as estudantes que estão nas modalidades EJA ou PROEJA.

3. FORMA POSSÍVEL DE INCLUSÃO NO ENSINO REMOTO: TDIC's NO PROEJA

O ensino remoto mediado por intermédio da aplicabilidade das Tecnologias Digitais de Informação e Comunicação (TDIC's) tem o objetivo de possibilitar inclusão, desenvolver a aprendizagem de um modo interacional e manter a qualidade do ensino ofertado. O agregamento digital possibilita reduzir a exclusão digital. Neste sentido, conforme Melo (2021), as TDIC's podem incentivar os/as estudantes em pesquisas que ampliam saberes formais e informais. Além disso, o acesso ao universo digital é uma das formas que instituições de ensino possibilita aos discentes para acessarem novos aspectos do processo de trabalho, já que o mundo global, na maior parte das ações de trabalho, inclui interações homem-máquina.

Estudo realizado por Cavalcanti, Gaia, Neves, Ferraz e Lima (2023) indica a importância de formação dos docentes das redes públicas e privada, de modo a possibilitar a formação continuada com uso de tecnologias em sala de aula. O estudo, a partir de prática extensionista, apresentou reflexões sobre práticas de metodologia ativa com diferentes ferramentas tecnológicas de ensino-aprendizagem e corrobora as reflexões de Melo (2021) sobre o uso de tecnologias nas escolas.

Segundo Melo (2021.p.48): “[...] a escola ao aderir ao uso das TDIC's pode contribuir na formação e na melhoria do ensino dos alunos, dentre dos quais jovens e adultos do Proeja”, pois favorece a inclusão digital e tem potencial para uso de saberes em rede de forma ativa e criativa. A autora utiliza o blog² em convergência com outras mídias e propõe uma estratégia didático-pedagógica para professores, com possibilidades de práticas em sala de aula.

A pesquisa indica que as tecnologias digitais no âmbito do Instituto Federal de Alagoas (IFAL) Campus/Maceió durante a pandemia foram utilizadas no ERE (Ensino Remoto Emergencial) como colaboração mútua entre alunos e professores. A pesquisa realizada no Curso Técnico de Artesanato indica novas possibilidades de uso. Assim, Melo (2021.p.49) explica que “o uso do blog em sala de aula favorece trocas ativas de conhecimento, o professor pode compartilhar e orientar informações, contribuir para sistematizar os dados”, pois a produção das turmas pode ampliar o

² Blog (abreviação para **weblog**) é uma espécie de diário online que aborda um assunto específico escolhido pelo seu autor. Fonte: <https://www.significados.com.br/blog/>

conhecimento sobre a cibercultura.³ Entende-se assim que a construção coletiva de atividades pode proporcionar uma comunicação frequente entre estudantes e docentes.

Na modalidade de ensino Proeja os professores podem mediar esse conhecimento por meio da inclusão digital (Melo, 2021). A urgência em acessar às tecnologias com internet, devido à Pandemia, resultou em novas estratégias educacionais. Naquela realidade o letramento digital foi essencial para uso e compreensão de hipertextos, pois inclui diferentes práticas e tecnologias que os alunos se apropriam para leitura e escrita, sendo o blog uma forma de simplificar a compreensão de práticas educacionais para facilitar o acesso à informação e ao desenvolvimento da aprendizagem (Melo, 2021), conforme Figura 2.

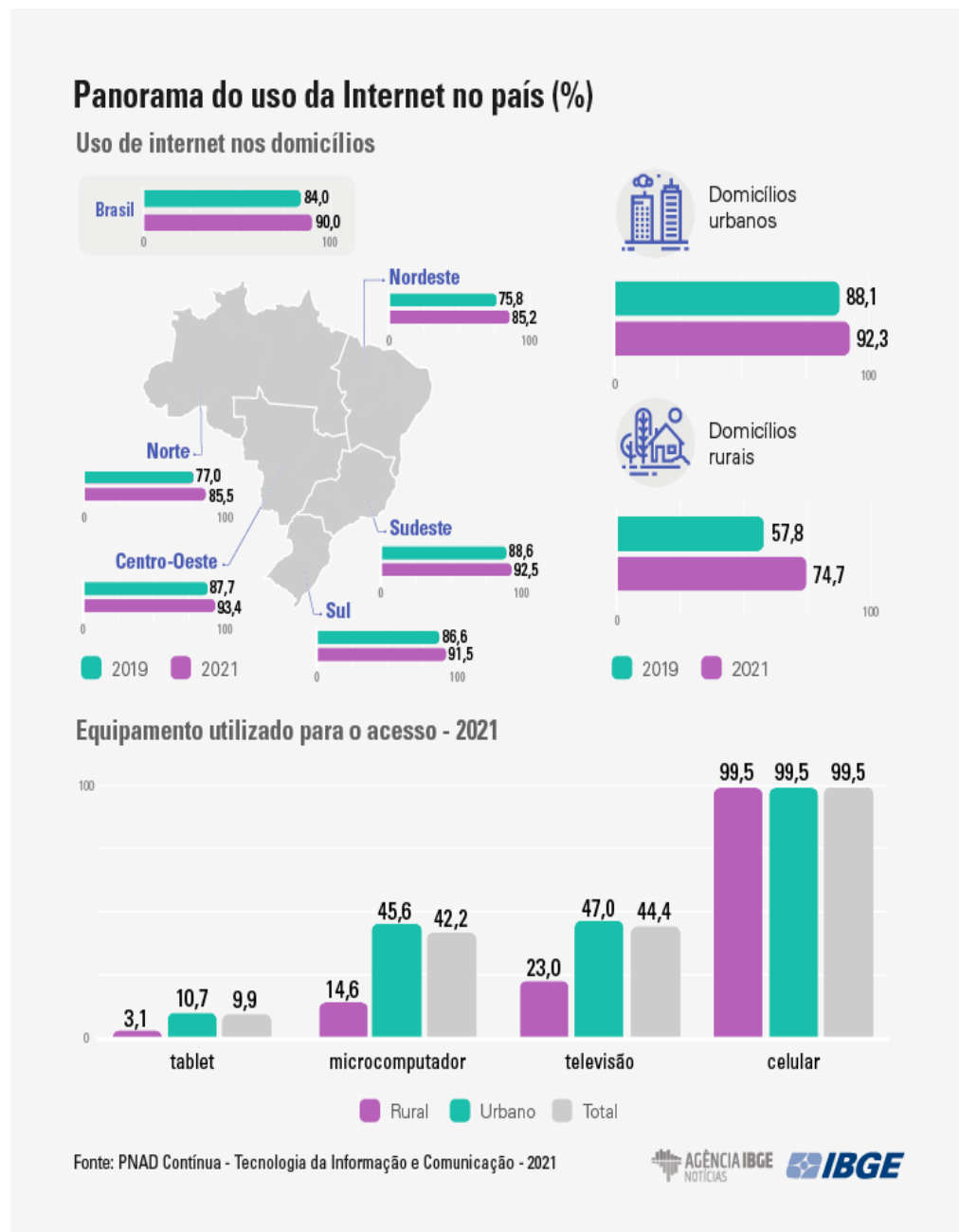
Os dados do IBGE divulgados em 2022 acendem um alerta sobre o uso da internet no Brasil, ainda que sua difusão esteja ampliada, as diferenças se ampliam quando são comparados os acessos em domicílios urbanos e rurais.

Ainda que o uso de equipamentos como tablet, microcomputador e televisão sejam considerados usuais em áreas urbanas do Brasil, quando os dados apresentam as particularidades das áreas rurais, é possível constatar que tal realidade ainda é distanciada, sendo o celular o equipamento que favoreceu acesso a informações e democratização nesse processo, mas com limites, já que a própria leitura e a visualização de informações ficam potencialmente restritas.

Estudo realizado por Cannatá (2015) destacou que não basta usar tecnologias na escola para que as aulas sejam interessantes. É importante que todos os que integram a gestão escolar reflitam sobre a importância dessas mudanças e que adotem uma proposta sustentável, pois não adianta começar e interromper por falta de recursos ou outro tipo de problema. Na figura 3, a seguir, destaca-se um padrão de acesso desigual, quando o estudo refina as regiões brasileiras, não somente pela falta de internet no domicílio, mas igualmente quando se pensa no tipo de equipamento, pois implica maior ou menor visibilidade a partir do tamanho da tela, entre outros aspectos técnicos.

³ Para Pierre Lévy (Filósofo francês que explica a digitalização do mundo), a cibercultura é um conjunto de técnicas materiais e intelectuais, práticas, atitudes, modos de pensamento e valores que se desenvolvem com o crescimento do ciberespaço. Ela é um fluxo ininterrupto de ideias, ações e representações entre pessoas conectadas por computadores. Podemos incluir aí smartphones, tablets e demais dispositivos conectados à internet. Fonte: <https://posdigital.pucpr.br/blog/pierre-levy>

Figura 3: Panorama do uso da internet no país segundo dados do IBGE



Fonte: IBGE, 2022.

Outro aspecto destacado por Canattá (2015) é a relevância de incluir a tecnologia no projeto pedagógico da instituição e entender que todas as pessoas envolvidas (diretores/as, coordenadores/as, professores/as, estudantes e técnicos) precisam integrar a proposta. Além disso, no caso das escolas públicas é necessário entender que as intenções de uma comunidade escolar podem esbarrar nos limites orçamentários das Secretarias de Educação.

Verificou-se também, como registraram Facer e Selwyn (2021), ser relevante garantir a observação crítica que permita entender tanto o processo evolutivo tecnológico das últimas quatro décadas quanto a necessidade de superar obstáculos materiais e sociais para uma educação de qualidade.

3.1 A PROPOSTA DE CRIAÇÃO DE BLOG PARA ENSINO NO CURSO TÉCNICO DE ARTESANATO DO PROEJA/IFAL

A metodologia utilizada por Melo (2021) foi a pesquisa-ação educacional, a qual exige do pesquisador posicionamentos: exploração, planejamento da ação e aprendizado específico. O estudo divulgou produtos artesanais em blog, conforme Figura 4,, com base em coleta de dados com alunos/artesãos matriculados no Proeja, maiores de 18 anos. Os alunos/artesãos apresentaram carteira de artesão e estavam matriculados no curso.

Figura 4: Página inicial do blog



Fonte: Melo, 2020.

O produto educativo “blog” foi criado na ferramenta gratuita Wix, apresentando a seguinte estrutura: 1-Página inicial com nome do blog, logotipo do blog em formato de Alagoas com imagens das peças para garantir pluralidade e apresentação; 2-Objetivos e função;3-Fotos destacadas dos artesanatos e texto memorialístico da

peça elaborado pelos artesãos (nome, técnica, material), inserido na proposta interdisciplinar do curso.

Outro aspecto que os/as estudantes ressaltaram foi a diversidade das origens dos seus aprendizados, o que permitiu indicar uma listagem com diferentes municípios e que garantem o registro das origens de cada produto, a partir dos criadores e com atenção ao que foi verificado nos registros realizados na pesquisa de Melo (2020).

É preciso entender que o blog é uma proposta que resulta do respeito à história do Curso Técnico em Artesanato, cujos professores se mobilizam com frequência para garantir, em eventos locais e em outros estados, a difusão dos produtos que resultam das práticas pedagógicas, conforme indicado na Figura 3 (Ifal, 2021).

Figura 5: Participação dos/as estudantes em feira nacional



Fonte: Ifal, 2021.

Na pesquisa que realizamos, constata-se registros institucionais que comprovam o empenho dos professores no sentido de garantir maior difusão dos produtos elaborados no curso, com ênfase em eventos. Desse modo, o blog pode apresentar-se como alternativa que permite ampliar esse propósito.

3.1.1. Perfil dos/as estudantes quanto ao uso das TDIC's

Na coleta inicial de dados obtidos por Melo (2020) com cerca de 12 alunas/os artesãos(ãs) do curso Técnico de Artesanato do IFAL, a maioria do grupo era do sexo

feminino e apenas 2% do sexo masculino. Quanto à faixa etária dos discentes verificou-se que 98% dos artesãos(as) estão acima de 40 anos e outros 2% entre 36 e 40 anos. O tempo de atuação na profissão artesanal, conforme os dados, apresentou o seguinte resultado: 50% dos estudantes colaboradores na pesquisa já exercem o ofício há mais de 10 anos, outros 33% possuem experiência abaixo de cinco anos e 17% têm experiência de cinco a 10 anos.

Sobre a utilização dos recursos tecnológicos disponibilizados pela instituição, verificou-se que o Campus Maceió/Ifal tem computadores com acesso à internet e datashow. Na época verificou-se dificuldades para acesso à internet por conta da necessidade de manutenção das máquinas (Melo, 2021).

Sobre acesso e uso dos equipamentos tecnológicos, a maioria dos estudantes indicou que tinha acesso livre aos materiais, mas 6% indicaram não haver materiais disponíveis e 6% afirmam levar o próprio material. Os dados coletados evidenciaram que o uso das TDIC's pelos alunos do IFAL favorece o contato com a tecnologia e desenvolvimento educacional.

Outra ferramenta utilizada por 58% dos alunos do Proeja foi o celular, além do computador em sala de aula, sempre que o/a professor(a) autoriza, pois também se verificou que há restrições. A cultura digital, conforme Melo (2021), quando acessível estimula a prática de pesquisa entre os artesãos(ãs) e contribui não somente para pesquisa sobre os assuntos acadêmicos, mas também para divulgar seus produtos.

Sobre o uso de rede social para divulgar o artesanato, 42% dos alunos(as)/artesãos(ãs) responderam que não utilizavam nenhuma rede social com esse objetivo, mas a maioria do grupo confirmou usar Facebook, Instagram e WhatsApp para divulgar seu artesanato. Portanto, nesta etapa diagnóstica a pesquisadora constatou que uma parte expressiva dos alunos(as)/artesãos(ãs) do Curso Técnico de Artesanato – Proeja tem vivência restrita com as TDIC's.

Sobre o uso de TDIC's em sala de aula ou durante o seu lazer; 67% responderam que utilizam sites de notícias, WhatsApp, Instagram, Googledocs, Youtube e Facebook e blogs. Apenas 17% indicaram que não usam nenhuma mídia digital. A autora verificou que a maioria dos alunos(as)/artesãos/ãs usa TDIC's durante o seu lazer em casa, mas as redes sociais são usadas com restrição na prática das aulas.

Os estudos sobre uso de tecnologias nas aulas de jovens e adultos são relevantes para possibilitar inclusão deste grupo nos processos de pesquisa e de

interação social por intermédio das mídias. Estudo de revisão teórica realizado por Pinto (2018) comprova que os/as alunos/as jovens e adultos/as, ainda que não tenham acesso formal à leitura e à escrita, chegam às escolas com letramento midiático, o que torna relevante às equipes que atuam com esse processo formativo, o tempo necessário para organização de aulas e materiais que favoreçam a conexão entre as práticas vivenciadas pelos/as estudantes e as teorias ensinadas.

Outra pesquisa, realizada por Dantas e Trindade (2021), apresenta que o uso de tecnologias na modalidade EJA contribui para formação contínua dos/as professores/as. O estudo considera a promoção de novas estratégias de ensino e isso implica contínua revisão da proposta pedagógica e observação das realidades apresentadas pelos grupos de estudantes.

Nesta mesma perspectiva, Silva (2021) indica a necessidade de pensar as TDIC's além da inserção digital em sala de aula com uso de internet, sobretudo na prática de ensino com turmas EJA, pois verifica-se a relevância do planejamento de aulas que alie ensino-aprendizagem à produção de saberes dos/as estudantes. Na figura 6 a construção de sentidos é promovida a partir de uma temática única, como o Natal. Em cursos EJA, valorizar memórias pode resultar em novas formas de aprendizagem que garantem a compreensão do que efetivamente for ensinado.

Figura 6: Produção de sentidos no ensino



Fonte: IFAL, 2016.

O uso de mídias pode ser uma forma potente para destacar aspectos da realidade, mas precisa também estar conectado à vida das pessoas. Deste modo, estudo realizado por Schwingel (2012) já indicava, de forma sistematizada, diferentes

formas de trabalhar mídias em sala de aula, nos mais diferentes níveis de ensino, a partir da elaboração textual com o reconhecimento de diferentes narrativas nos ambientes de mídias, incluindo processos de manipulação de argumentos, textos e imagens. Educar para a sensibilidade requer entender aspectos do uso da linguagem que utilizam emoções com base em argumentos pautados em tentação, intimidação, sedução, provocação, ameaça, promessa de recompensa, julgamentos prévios e outras questões.

Ao refletirmos sobre os estudantes do curso técnico Proeja de Artesanato, entendemos a relevância de estudos dos professores acerca dessas temáticas, pois quando saem da instituição de ensino, podem estar aptos não somente a produzir os artesanatos com base em coordenação de cores e outros elementos que equilibram as peças a partir do design (Lira, 2019), mas igualmente possa ter as noções básicas para difundir os trabalhos em ambientes virtuais. No blog, os produtos foram indicados tanto na perspectiva pedagógica quanto de marketing para possível resultado em venda (Figura 4).

Figura 7: Imagens dos produtos com detalhes sobre a produção



Fonte: Melo, 2020.

Os resultados coletados por Melo indicam que os aprendizes do Proeja têm dificuldade para acessar as TDIC's e afirmam precisar de mais conhecimento de informática. Após os estudos dos dados resultantes de duas colaboradoras voluntárias do Curso Técnico de Artesanato identificaram-se fatores coincidentes tais como as

dificuldades de acesso aos computadores na instituição ou em casa; a falta de domínio quanto ao uso de computadores e as TDIC's; como também falta de inserção de tais práticas virtuais nas aulas (Quadro 2).

Quadro 02: Falas dos colaboradores da pesquisa sobre a divulgação do artesanato nas redes sociais

QUANTIDADE DE PARTICIPANTES	FALA DOS PARTICIPANTES
Aluno 1	"Sim! Divulgo na minha rede pessoal. A minha divulgação é só postagem de fotos, não coloco preço nem descrição do pronto então não recebo encomendas, apenas elogios".
Aluno 2	"Eu não divulgo não, porque eu não sei fazer um blog ou site para divulgar o meu trabalho, o curso não me dá a essa segurança, o curso não me ajuda a calcular o valor do produto e a valorizá-lo. Nas feiras mesmo, os professores não querem colocar o valor real dos produtos, porque acham caros em comparação ao mesmo trabalho de outros colegas. Mas eles não levam em consideração os materiais e técnicas trabalhosas usada".
Aluno 3	"Sim! E tem um resultado razoável".
Aluno 4	"Sim! Mas não posto com frequência porque não sei mexer muito, dependo do meu sobrinho para me ajudar, e os resultados são bons, pois através da postagem é que eu estou vendendo melhor".
Aluno 5	"Sim! Os resultados foram benéficos, vendi bastante e rapidinho".
Aluno 6	"Não".
Aluno 7	"Sim! Mas não era com tanta intensidade, teve um resultado muito bom, pois tem épocas que vendo bastante".
Aluno 8	"Sim! Os resultados foram positivos, pois conseguiu vender além do que esperava".
Aluno 9	"Sim! Meus resultados foram bons, mas vendo mais, mostrando pessoalmente".
Aluno 10	"Não".
Aluno 11	"Eu nunca divulguei em rede social nenhuma, porque nunca sobrevivi do artesanato, só utilizo o artesanato para o meu hobby".
Aluno 12	"Eu nunca divulguei em rede social nenhuma".

Fonte: Melo 2020.p.70.

O estudo foi integralmente utilizado, por ter sido o único identificado com a temática. Conforme Melo (2020), a maioria dos alunos(as)/artesãos(ãs) acredita que incorporar as TDIC's na sua prática em sala de aula pode potencializar as vendas do artesanato, por intermédio da divulgação nas redes sociais. Os/As estudantes indicam que o uso das TDIC's pode dinamizar o trabalho e facilita a visualização, a divulgação sem limites geográficos.

Neste ponto, na análise dos dados houve a criação do blog, para divulgar os produtos confeccionados pelos artesãos do Curso Técnico de Artesanato. Com isso,

foi possível propor a inserção dos/as estudantes nas vendas de suas criações no comércio on-line, preparando-os/as para interagir positivamente no mercado de trabalho cada vez mais competitivo e mutável.

É importante registrar também que em 2020 houve a segunda formatura de turma do Proeja (figura 6), o que comprova a necessidade contínua de investimentos para que seja possível garantir resultados quantitativos aliados aos qualitativos.

Figura 8: Segunda turma completa a se formar no Proeja



Fonte: Ifal, 2020.

Ao longo das duas últimas décadas, diferentes profissionais contribuíram no processo de formação para profissionais do artesanato alagoano, no Ifal, de modo que possam repensar aspectos distintos dos produtos que elaboram como o design, a cor e a sustentabilidade.

3.1.2 Análises das socializações de conteúdos on-line em sala de aula

Segundo Melo (2021), verificou-se que o uso das TDIC's pelos alunos/as no Curso Técnico em Artesanato apresenta limites por não integrar o processo educacional dos artesãos e nem a prática pedagógica contínua dos professores do curso. A criação do produto educacional blog visou divulgar as produções dos/as aprendizes. Na avaliação o instrumento utilizado foi um questionário constituído por 14 perguntas.

A pesquisadora afirma que tanto o questionário como a criação do blog foram realizados de forma presencial com autorização documental assinada pelos colaboradores da pesquisa e com todos os cuidados de prevenção à Covid-19. Segundo Melo (2021) o blog pode gerar informação relevante e ampliar processos de comunicação, além de favorecer o uso das TDIC's para reduzir barreiras entre a teoria e prática e ampliar acesso ao conhecimento.

Portanto, a criação do blog como produto educacional disponibilizou meios para que os artesãos/ãs pudessem ampliar saberes sobre uso de tecnologias. Na etapa da coleta de dados, o afastamento social era obrigatório e houve limites, sendo realizada de forma restrita. Embora o Comitê de Ética na Pesquisa (CEP) tenha autorizado a coleta com os/as 30 estudantes da turma, na pandemia apenas 12 estavam matriculados/as e desse total, apenas duas estudantes autorizaram a participação no produto, pois exigia momento presencial.

Outro fato registrado na pesquisa foi que a maioria dos artesãos/ãs não possuía computador e internet o que tornou o contato complexo. Exemplo citado pela autora foi o preenchimento do questionário por aplicativo de áudio ou presencialmente. Foi utilizado serviço de mototáxi na coleta de assinaturas dos termos de consentimento.

Conclui-se no estudo de Melo (2021) que há necessidade de ampliar a oferta das TDIC's no Curso Técnico Integrado de Artesanato IFAL. O estudo identificou ainda a necessidade de qualificação contínua dos professores na melhor aplicabilidade destas ferramentas de maneira constante em sala de aula. Conforme se constatou, tais práticas podem estimular a interação e o debate para educação teórica e prática na produção das obras artesanais. Neste sentido, verifica-se ser possível agregar valor ao produto educacional artesanato e ao produto a ser comercializado, com base na aprendizagem conectada ao mundo do trabalho.

4 CONCLUSÕES

A presente pesquisa constatou descontinuidades apresentadas no período de aprendizagem remota, por conta da Pandemia por Covid-19, com base nas dificuldades verificadas por alunos/as e professores/as na adequação da nova realidade de todas as modalidades de ensino. O interesse desse estudo recaiu sobre a experiência do curso técnico de Artesanato Proeja do Campus Ifal/Maceió por se tratar de um público com necessidades de maiores informações sobre tecnologias.

Outro aspecto a se considerar foi que a pandemia obrigou a pensar soluções ágeis que, na maioria dos casos, envolveu transposição direta do modo de sala de aula presencial no ambiente virtual, vivenciadas também, na condição de alunos, pelos autores deste trabalho.

A pesquisa constatou indicações apresentadas pelos/as pesquisadores/as como possibilidades de melhorar a prática em sala de aula com tecnologia digital no período posterior ao isolamento social. Também se identificou uma lacuna no acesso digital entre alunos da escola pública em relação aos alunos de escolas particulares, o que requer maior atenção por parte dos gestores públicos e das próprias instituições de ensino na melhoria da oferta das TDIC's no âmbito das salas de aula e, qualificação dos professores para melhor mediar essas tecnologias nas aulas.

A elaboração do produto educacional blog no curso Técnico Integrado de Artesanato Campus Ifal/Maceió na concepção de Melo (2021) estimulou uma discussão profícua quanto ao uso das TDIC's em sala de aula e ampliação desta oferta por parte da instituição, pois foram diversas as dificuldades enfrentadas pelos alunos quando não dispunham de computador e Internet em seus domicílios. Em outros casos os/as artesãos/ãs possuíam internet em seus lares, mas não detinham o mínimo conhecimento para operar a CPU.

Por outro lado, o blog cumpriu o seu objetivo de apresentar uma proposta para divulgar os produtos confeccionados pelos artesãos/ãs, neste sentido inserindo estes futuros profissionais no mundo do trabalho em constante evolução.

Observa-se que Miguel e Silva (2023) concordam com as concepções de Melo quanto ao uso do blog para ampliar o conhecimento a respeito das TDIC's e incentivar novas práticas de aprendizagem de ensino-aprendizagem. Entende-se que apesar dos obstáculos presenciais e de falta de familiaridade dos/as estudantes com produto

educacional aplicado e estudado, verificou-se o desenvolvimento de suas habilidades, inclusive dos artesãos que apresentaram receio no uso do computador.

No entendimento final gerado por esta pesquisa, verificou que o uso de TDIC's amplia a noção de saberes e a capacidade de compartilhar informações. A inserção das TDIC's por meio do produto blog, com proposta de ensino-aprendizagem passível de uso no Projeto Político Pedagógico do Curso Técnico em Artesanato do IFAL, indica uma possibilidade de práticas pedagógicas integradas.

REFERÊNCIAS

Almeida, Luziane Fernandes Lima de; Souza, João Batista Alves de. As dificuldades na educação de jovens e adultos (EJA) durante a pandemia de Covid-19: adversidades do ensino remoto. **EJA em debate**, Ano 11, n.20, jul.-dez.2022. p.47-75. Disponível em: <https://periodicos.ifsc.edu.br/index.php/EJA/article/view/3437/4690>. Acesso em: 20 maio 2023.

Alvarenga, Mariana Monteiro Soares Crespo de et.al. A UTILIZAÇÃO DE TECNOLOGIAS DIGITAIS COMO PRÁTICAS EDUCATIVAS NA MODALIDADE DE ENSINO DE JOVENS E ADULTOS: UMA EXPERIÊNCIA DE PÓS - GRADUANDOS NO CURSO: DOCÊNCIA NO SÉCULO XXI: EDUCAÇÃO E TECNOLOGIAS DIGITAIS DO INSTITUTO FEDERAL FLUMINENSE. **Educação & Tecnologia**: Revista técnico-científica nacional. Disponível em: <http://revistas.utfpr.edu.br/pb/index.php/revedutec-ct/article/view/2220>. Acesso em: 18 mar.2023.

Baldissera, Olívia. **O que é cibercultura para Pierre Lévy, filósofo francês que explica a digitalização do mundo**. Curitiba: PUCPR, 21.set.2021. Disponível em: <https://posdigital.pucpr.br/blog/pierre-levy>. Acesso em: 22 maio.2023.

Brasil. **Decreto nº 5.840, de 13 de Julho de 2006**. Institui o Proeja no âmbito federal. Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/setec/arquivos/pdf1/proejadecreto5840.pdf>. Brasília: Presidência da República; Casa Civil; Subchefia para Assuntos Jurídicos, 2006. Acesso em: 23 jul.2023.

Brasil. **Lei nº 5962, de 11 de agosto de 1971**. O capítulo IV aborda o ensino supletivo. Disponível em: https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/l5692.htm. Acesso em: 24 jul.2023.

Canattá, Verônica. Quando inovação na sala de aula passa a ser um projeto de escola. In: Bacich, L; Tanzi Neto, A.; Trevisani, F. de M. (orgs.). **Ensino Híbrido: Personalização e tecnologia na educação**. Porto Alegre: Penso, 2015.

Cavalcanti, R. J. de S.; Gaia, R. V.; Farias, C. V. C.; Neves, P. D. C.; Ferraz, E. L.; Lima, J. V. S. de. Formação continuada docente em metodologias ativas: uso de ferramentas digitais em uma prática extensionista. **Cuadernos de Educación y Desarrollo**, [S. l.], v. 15, n. 5, p. 3946–3960, 2023. Disponível em: <https://ojs.europublications.com/ojs/index.php/ced/article/view/1367>. Acesso em: 16 oct. 2023.

Chartier, Roger. **A aventura do livro do leitor ao navegador**: Conversações com Jean Lebrun. São Paulo: Imprensa Oficial do Estado de São Paulo; Editora UNESP, 2009.

Cunha, Leonardo Ferreira da; Silva, Alcineida de Souza; Silva, Aurélio Pereira da. O ensino remoto no Brasil em tempos de pandemia: diálogos acerca da qualidade e do direito e acesso à educação. **Revista Com Censo**: Estudos Educacionais do Distrito Federal, Brasília, v.7, n.3, p.27-37, ago.2020. Disponível em:

<http://www.periodicos.se.df.gov.br/imdex.php/comcenso/article/view/924>. Acesso em: 20 jun.2023.

Dantas, F. dos S.; Trindade, G. de A. Educação de jovens e adultos e o uso das tecnologias digitais: ressignificando a práxis docente. **Ensino em Perspectivas**, [S. l.], v. 1, n. 2, p. 1–14, 2020. Disponível em: <https://revistas.uece.br/index.php/ensinoemperspectivas/article/view/4561>. Acesso em: 17 out. 2023.

Facer, K e Selwyn, N. **Digital technology and the futures of education – towards ‘non-stupid’ optimism**. Paper commissioned for the UNESCO Futures of Education report, forthcoming, 2021. Disponível em <https://unesdoc.unesco.org/ark:/48223/pf0000377071>. Acesso em: 18 out.2023.

FATOS de fotos. Publicidade do Mobral. Disponível em:<https://twitter.com/FotosDeFatos/status/1051472780942856193>. Acesso em: 20 dez. 2023

FIOCRUZ. **Pesquisa TIC Educação mostra dados de atividades pedagógicas na pandemia**. 2022. Disponível em: <https://campusvirtual.fiocruz.br/portal/?q=noticia/65459>. Acesso em: 20 jun.2023

Florêncio, Roberto Remígio; Almeida, Manuela Pereira de. Isolamento social e tecnologias: um debate sobre inclusão, exclusão e políticas públicas no contexto da pandemia. **CAMINE: Caminhos da Educação; Camine: Ways of Education**, v. 12, n. 02, p. 148-163, 2020. Disponível em:<https://periodicos.franca.unesp.br/index.php/caminhos/article/view/3386>. Acesso em: 20 jun. 2023.

IBGE. **Internet já é acessível em 90,0% dos domicílios do país em 2021**. Agência IBGE Notícias; Estatísticas sociais, 2022. Disponível em:<https://agenciadenoticias.ibge.gov.br/agencia-noticias/2012-agencia-de-noticias/noticias/34954-internet-ja-e-acessivel-em-90-0-dos-domicilios-do-pais-em-2021>. Acesso em: 20 jun. de 2023.

Lévy, Pierre. **Cibercultura** / Pierre Lévy; tradução de Carlos. Irineu da Costa. — São Paulo: Ed. 34, 1999. 264 p.

Lira, Iolita Marques de. **Da cópia à criação no curso Técnico em Artesanato do Ifal**: experiências na Educação Profissional de Jovens e Adultos. Maceió: PPGE/Ufal, 2019.

Melo, Mayara Siqueira de. **Educação profissional integrada à educação de jovens e adultos no curso técnico de artesanato do Ifal-campus Maceió: identidade, tecnologia e trabalho**. Maceió: ProfEPT, 2021. Disponível em <https://drive.google.com/file/d/1qeoOVW4eNMnIfswYU8336c7F3SIj83-o/view> . Acesso em: 18 maio.2023

Melo, M. S. de; Silva, V. R. e; Gaia, R. V. Tecnologias digitais: as complexidades do cenário pandêmico no PROEJA e na EJA durante o ensino remoto. **Educitec -**

Revista de Estudos e Pesquisas sobre Ensino Tecnológico, Manaus, Brasil, v. 8, n.: p. e198522, 2022. DOI: 10.31417/educitec. v8.1985. Disponível em: <https://sistemascmc.ifam.edu.br/educitec/index.php/educitec/article/view/1985>. Acesso em: 18 maio. 2023.

Monteiro, Thaís Lidiane; Mascia, Márcia Aparecida Amador. INCLUSÃO/EXCLUSÃO DIGITAL NAS ESCOLAS EM TEMPO DE PANDEMIA. **Revista Educação & Tecnologia**, v. 1, n. 21 (2021), p. 149-163, 2021. Disponível em: <http://revistas.utfpr.edu.br/pb/index.php/revedutec-ct/article/view/2790>. Acesso em: 20 jun. 2023.

MORAN. José Manuel. **Mudanças na comunicação interpessoal**: Gerenciamento integrado da comunicação pessoal, social e tecnológica. São Paulo: Paulinas, 2000.

Nascimento, Leandra Fernandes do. A EJA e seu ensino na Educação Básica: primeiras aproximações. **Revista Educação Pública**, v. 20, nº 41, 27 de outubro de 2020. Disponível em: <https://educacaopublica.cecierj.edu.br/artigos/20/41/a-eja-e-seu-ensino-na-educacao-basica-primeiras-aproximacoes>. Acesso em: 22 jul.2023.

Paiva, W. A. de. O legado dos jesuítas na educação brasileira. **Educação em Revista**, v. 31, nº 4, p. 201-22, out.2015. Disponível em <https://www.scielo.br/j/edur/a/4WccmHjrYWG4fKfDj8L87Gv/#>. Acesso em: 16 set.2023.

Pereira, J. V.; Barbosa, S. C.. Docência em EJA no IFG: extensão no contexto da Pandemia Covid-19. **Revista UFG**, Goiânia, v. 20, n. 26, 2020. DOI: 10.5216/revufg. v. 20.66489. Disponível em: <https://revistas.ufg.br/revistaufg/article/view/66489>. Acesso em: 16 set. 2023.

Pinto, Maria José Barbosa. O USO DAS NOVAS TECNOLOGIAS DIGITAIS NA EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS: ENTRE CONTRIBUIÇÕES E DESAFIOS. **Anais do V Conedu** – Congresso Nacional de Educação. Disponível em https://editorarealize.com.br/editora/anais/conedu/2021/TRABALHO_EV150_MD1_S A112_ID1193_19072021165538.pdf. Acesso em: 17 set.2023.

Schwingel, Carla. **Mídias digitais**: produção de conteúdos para a web – laboratório. Serviço à Pastoral da Comunicação. São Paulo: Paulinas, 2012.

Silva, Talita Cardoso Silva e. Tecnologias Digitais na escola: ferramentas potencializadoras de aprendizagem na EJA. Dissertação (Mestrado em Educação). Palmas: Universidade Federal do Tocantins/ PPG em Educação, 2021.

Silva, Jailson Costa da; FREITAS, Marinaide Lima de Queiroz. **Histórias e memórias**: O Mobral no sertão alagoano. Maceió: Edufal, 2017.

Tardif, Maurice; Lessard, Claude. **O trabalho docente**: elementos para uma teoria da docência como profissão de interações humanas. Petrópolis: Vozes, 2017.

Xavier, C. F.. História e historiografia da Educação de Jovens e Adultos no Brasil - inteligibilidades, apagamentos, necessidades, possibilidades. **Revista Brasileira De**

História Da Educação, 19, e068, 2019. Disponível em:
<https://doi.org/10.4025/rbhe.v19.2019.e068.Acw>. Acesso em: 18 fev. 2023.